



MÓDULO

**POVOS AMAZÔNIDAS: TECNOLOGIAS AMBIENTAIS E
DIFERENTES PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS APLICADAS**



ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

REALIZAÇÃO:



UMA CONCERTAÇÃO PELA
AMAZÔNIA

PARCERIA:



FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

INSTITUTO IUNGO

Presidente

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

Diretora de educação

ALCIELLE DOS SANTOS

Diretora de estratégia e implementação

JOANA RENNÓ

INSTITUTO REÚNA

Diretora-Executiva

KÁTIA STOCCO SMOLE

UMA CONCERTAÇÃO PELA AMAZÔNIA

Secretaria Executiva

FERNANDA RENNÓ

LÍVIA PAGOTTO

PARCERIA

BNDES

INSTITUTO ARAPYÁÚ

MOVIMENTO BEM MAIOR

PROGRAMA ITINERÁRIOS AMAZÔNICOS

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Idealização

FERNANDA RENNÓ (Uma Concertação pela Amazônia)

JOANA RENNÓ (Instituto iungo)

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE (Instituto iungo)

Coordenação geral

SAMUEL ANDRADE

Equipe pedagógica

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CYNTHIA SANCHES (Coordenadora)

REGINA TUNES (Coordenadora)

Coordenação de produção

THAMARA STRELEC

Coordenação Instituto Reúna

DANIEL CORDEIRO

Apoio à coordenação

CAMILLY LIMA

STEFANNY LOPES

VANESSA COSTA TRINDADE

CONCEPÇÃO DO PROGRAMA

Equipe

ALCIELLE DOS SANTOS

ANTONIO CARLOS OSCAR JÚNIOR

CARLOS GOMES DE CASTRO

CAROLINA MIRANDA

CLÉA FERREIRA

CYNTHIA SANCHES

FABIANA CABRAL SILVA

FERNANDA RENNÓ

GRAZIELA SANTOS

IZADORA RIBEIRO PERKORKI

JEFFERSON SODRÉ MENESES

JOANA RENNÓ

JULIANA FRIZZONI CANDIAN

KÁTIA STOCCO SMOLE

LÉA CAMARGO

MARISA BALTHASAR

MICHELE BORGES

PAULO EMÍLIO DE CASTRO ANDRADE

REGINA TUNES

RENATA ALENCAR

RENATA MONACO

SAMUEL ANDRADE

THAMARA STRELEC

Gestores, técnicos e educadores de redes de ensino

ALDEVÂNIA BARRETO DE MATOS - SEED RORAIMA

ALISSON THIAGO PEREIRA - SEDUC AMAZONAS

ANTONIO FONSECA DA CUNHA - SEDUC PARÁ

CARMEM LÚCIA SOUZA - SEDUC AMAZONAS

CLEIBERTON SOUZA - SEED AMAPÁ

DARLETE SOUZA DO NASCIMENTO - SEED RORAIMA

EDILMA DA SILVA RIBEIRO - SEED RORAIMA

STELLA DAMAS - SEED RORAIMA

IRENE PEREIRA - SEED RORAIMA

LUCIA REGINA ANDRADE - SEDUC AMAZONAS

MELINA TONINI - SEDUC RONDÔNIA

MONALISA SANTOS SILVA - SEDUC MARANHÃO

REGINA PEREIRA - SEDUC MARANHÃO

RICARDO SANTA CRUZ - SEED RORAIMA

SALOMÃO SOUZA ALENCAR - SEDUC AMAZONAS

SIMONE BATISTA - SEED RORAIMA

Jovens amazônicos

BRUNA LIMA - RIO BRANCO | ACRE

INGRID MARIA AVIZ DE ARAÚJO - ANANINDEUA | PARÁ

KARINA PENHA - SÃO JOSÉ DE RIBAMAR | MARANHÃO

ODENILZE RAMOS - CARÃO, BAIXO RIO NEGRO | AMAZONAS

OREME IKPENG - XINGU | MATO GROSSO

PEDRO ALACE - AGROVILA ITAQUI, CASTANHAL | PARÁ

Especialistas em educação

ANA LUÍSA GONÇALVES

FERNANDA SAEME

NÁDIA CARDOSO

PAULO CUNHA

THIAGO HENRIQUE

Mobilização de jovens

RICARDO PENIDO

Mapeamento de tecnologias educacionais

PORVIR

**Convidados do seminário de
aprofundamento temático**

DILSON GOMES NASCIMENTO - SEDUC AMAZONAS

MAICKSON SERRÃO - SEDUC AMAZONAS

TATIANA SCHOR

COMUNICAÇÃO E DESIGN

Coordenadora de Comunicação

ANGELA MARIS DO NASCIMENTO

Produção de conteúdo - Comunicação

ANA CATARINA PARISI PINHEIRO
CAMILA SARAIVA GONÇALVES

Identidade visual e projeto gráfico

CLÁUDIO VALENTIN
DENIS LEROY
RENAN DA SILVA ARAÚJO

Assessoria para arquitetura da informação

PORVIR

Plataforma digital

PORVIR (Produção executiva)
SINTRÓPIKA (Design e desenvolvimento)

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Coordenação

PABLO DE OLIVEIRA DE MATTOS

Concepção e redação

ANDRÉ SEKKEL CERQUEIRA
CAROLINE BÁRBARA
KATRINE KATIUSSE DE ANDRADE
SYNTIA ALVES

Leitura crítica

REGINA TUNES
JOSILDO SEVERINO DE OLIVEIRA - SEDUC AMAZONAS
CLAUDEMES VIEIRA SOUSA - SEED RORAIMA
GUARACI ASSIS PASTANA - SEED AMAPÁ
LUZINÉIA GUIMARÃES ALENCAR - SEDUC MATO GROSSO

Edição pedagógica

CAMILA TRIBESS
CAROLINA MIRANDA

Apoio à concepção - Jovens amazônicas

ELCIANE VALENTE DE MENESES DE ALMEIDA
MARTA RAYANE DA SILVA GOMES

Apoio à concepção - Técnicos e educadores de redes de ensino

EDILENE NASCIMENTO BARBOSA - SEED AMAPÁ
ITALO BRUNO PAIVA GONÇALVES - SEDUC TOCANTINS
MARTA CLEMENTINA SILVA DE MELO - SEED RORAIMA
SHEYLA REGINA JAFRA CORDEIRO - SEDUC AMAZONAS

Especialista temático

GEORGIA JORDÃO

Produção de infográfico

CAMILA TRIBESS

Edição de texto e revisão ortográfica

ANA ELISA FARIA DO AMARAL
DIOGO DA COSTA RUFATTO
JAQUELINE COUTO KANASHIRO
LUCAS TADEU DE OLIVEIRA
MARCIA GLENADEL GNANNI
MARIANE GENARO

Diagramação

NATÁLIA XAVIER
RENAN DA SILVA ARAÚJO
VICTOR SOARES
WELLINGTON TADEU



SUMÁRIO

Módulo - Povos amazônidas: tecnologias ambientais e diferentes perspectivas de desenvolvimento


Ementa do módulo	6
Etapa 1: Racismo ambiental em perspectiva	10
Etapa 2: Representação dos povos e comunidades tradicionais e indígenas e as lutas das juventudes	14
Etapa 3: Experiências amazônidas	19
Material do estudante	24
Referências	26



POVOS AMAZÔNIDAS: TECNOLOGIAS AMBIENTAIS E DIFERENTES PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

EMENTA DO MÓDULO

Carga horária média sugerida

 20 horas

Resumo

Neste módulo, os estudantes realizam a compilação e a sistematização de experiências de povos e comunidades tradicionais e indígenas de interação com a floresta e de perspectivas para conservá-la, levando em conta aspectos ligados a modos de vida e diferentes tecnologias ambientais (cosmogonias dos povos tradicionais, manejos da floresta, técnicas agrícolas, extrativismo, pesca etc.). No processo de sistematização, aproximando-se do conceito de racismo ambiental, eles são instigados a analisar e a refletir sobre os desafios enfrentados por esses grupos em diferentes contextos da região amazônica (urbano, ribeirinho, quilombola, indígena, rural). Com a estratégia da sala de aula invertida, os estudantes pesquisam sobre as perspectivas de representação dos povos e comunidades tradicionais no contexto amazônico e o papel das juventudes amazônidas, em diálogo com esses grupos e as tecnologias ambientais no combate ao desmatamento e ao racismo ambiental. A partir daí, eles vão projetar a criação de um coletivo de jovens, na escola ou no entorno, que atue em prol dos direitos humanos, da sustentabilidade e por uma sociedade mais justa. Ao final do módulo, elaboram episódios de podcast ou outras formas de divulgação para esse coletivo. Com isso, espera-se que os estudantes reúnam ferramentas para a concretização de projetos pessoais, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando os desafios relacionados ao racismo ambiental, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania.

Expectativas de aprendizagem

- Caracterizar as tecnologias ambientais dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas e refletir sobre elas, compilando e sistematizando experiências desses grupos na interação com o meio ambiente e na produção de tecnologias ambientais.

Este módulo integra a unidade curricular “Desmatamentos e conservação na região Amazônica” do programa Itinerários Amazônicos. Para conhecer esta e as demais unidades curriculares, acesse www.itinerariosamazonicos.org.br.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - POVOS AMAZÔNIDAS: TECNOLOGIAS AMBIENTAIS

E DIFERENTES PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

- Refletir sobre os diversos desafios enfrentados pelos povos e pelas comunidades tradicionais e indígenas na região amazônica, com especial atenção ao conceito de racismo ambiental.
- Apresentar características e analisar as diversas formas de representação desses grupos e a relação com a participação da juventude amazônica no combate à degradação ambiental, a fim de projetar a criação de um coletivo de jovens.
- Criação e produção de podcasts, ou outras formas de divulgação, apresentando experiências de atuação do coletivo juvenil.

Competências gerais da BNCC

CG 2, CG 7 e CG 10

EIXOS ESTRUTURANTES

Empreendedorismo

Investigação científica

Processos criativos

OBJETOS DE CONHECIMENTO

Tecnologias ambientais dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas; racismo ambiental; representação dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas e juventudes amazônicas; desmatamento.

HABILIDADES DA ÁREA DO CONHECIMENTO

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - POVOS AMAZÔNIDAS: TECNOLOGIAS AMBIENTAIS

E DIFERENTES PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

HABILIDADES DOS EIXOS ESTRUTURANTES

(EMIFCHSA01) Investigar e analisar situações-problema envolvendo temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias.

(EMIFCHSA06) Propor e testar soluções éticas, estéticas, criativas e inovadoras para problemas reais relacionados a temas e processos de natureza histórica, social, econômica, filosófica, política e/ou cultural, em âmbito local, regional, nacional e/ou global.

(EMIFCHSA10) Avaliar como oportunidades, conhecimentos e recursos relacionados às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem ser utilizadas na concretização de projetos pessoais ou produtivos, em âmbito local, regional, nacional e/ou global, considerando as diversas tecnologias disponíveis, os impactos socioambientais, os direitos humanos e a promoção da cidadania.

(EMIFCHSA11) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para desenvolver um projeto pessoal ou um empreendimento produtivo, em âmbito local, regional, nacional e/ou global.

FOCO DAS ETAPAS

Etapa 1: Racismo ambiental em perspectiva

Carga horária média sugerida: 6 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Compreendem o conceito de racismo ambiental, refletindo sobre ele.
- Analisam dados e estatísticas socioeconômicas da região amazônica com a finalidade de identificar os principais desafios dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas.
- Analisam casos concretos de violência e exclusão sofridos por esses grupos, utilizando o conceito de racismo ambiental como chave de análise e reflexão.

Etapa 2: Representação dos povos e comunidades tradicionais e indígenas e as lutas das juventudes

Carga horária média sugerida: 6 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Analisam historicamente as formas de representação dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas.
- Pesquisam, usando a estratégia da sala de aula invertida, as recentes mobilizações e os protagonismos desses grupos na luta por representação, pela conservação da floresta e pelos direitos humanos.
- Realizam exercício de criação de coletivos de jovens (considerando ações como a elaboração de manifestos, pautas e agendas de atuação em prol das questões socioambientais), tendo em vista a promoção dos direitos humanos e da sustentabilidade.

Etapa 3: Experiências amazônicas

Carga horária média sugerida: 8 horas

Nas atividades desta etapa, os estudantes:

- Refletem sobre os saberes dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas diante dos desafios contemporâneos.
- Organizam e produzem um podcast, ou outras formas de divulgação que apresentem os coletivos juvenis criados, bem como contextualize as lutas por direitos humanos, conservação ambiental e sustentabilidade por parte dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas.





CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - POVOS AMAZÔNIDAS: TECNOLOGIAS AMBIENTAIS

E DIFERENTES PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Estratégias de ensino e aprendizagem

- Pesquisas orientadas utilizando a metodologia da sala de aula invertida: baseados em orientações prévias do professor, os estudantes coletam informações e estabelecem relações entre os principais desafios enfrentados pelos povos amazônidas e as suas formas de representação.
- Trabalho colaborativo: com base em pesquisas e levantamentos sobre a representação dos povos amazônidas, os estudantes projetam coletivos de juventude, a fim de reivindicar uma sociedade mais ética e sustentável, e também elaboram episódios de podcast que contextualizem os coletivos diante das lutas por representação.

Avaliação

A avaliação das etapas do módulo se dará de forma processual: após a compreensão e a reflexão sobre o conceito de racismo ambiental, os estudantes poderão ser avaliados com base nas habilidades da área. Poderá ser analisada a capacidade de propor hipóteses por meio de pesquisas e de elaborar argumentos cruzando dados e processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos. Levando em consideração a atuação conjunta dos estudantes na criação de coletivos de jovens, a coerência e relevância das pautas e linhas de atuação desses grupos poderão ser avaliadas e também servirão para a autoavaliação dos estudantes. O processo de criação e produção do podcast ou outras formas de divulgação dos coletivos poderá servir de avaliação, tendo em vista o envolvimento e engajamento dos estudantes nos grupos de trabalho e a coerência com os temas debatidos.



ETAPA 1: RACISMO AMBIENTAL EM PERSPECTIVA

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6H

ACONTECE NA ETAPA

- Reflexão e debate sobre o conceito de racismo ambiental.
- Análise de dados e estatísticas socioeconômicas da região amazônica, a fim de identificar os principais desafios dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas.
- Uso do conceito de racismo ambiental como chave de análise e sistematização de casos concretos de violência e exclusão por meio de poema, slam, música ou outra expressão artística.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6 horas

Nesta etapa, os estudantes são direcionados a compreender o racismo ambiental, refletindo sobre ele e desenvolvendo um olhar crítico para a questão das consequências dessa questão para as relações sociais, políticas e econômicas que envolvem a região amazônica. Por meio de dados estatísticos, textos e documentários, os aspectos socioeconômicos da região amazônica são analisados, com o objetivo de identificar os principais desafios dos povos e das comunidades tradicionais e indígenas.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes as expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa e o módulo. O infográfico do módulo pode apoiar esse momento de mediação. O ponto principal desta etapa é levar os jovens a conhecer o conceito de racismo ambiental e refletir sobre ele. Assim, no primeiro momento, eles devem ter contato com ideias que permeiem o tema, como a relação entre desigualdade social, questões étnico-raciais e população em situação de vulnerabilidade.
2. Para a sensibilização inicial, realize uma breve tempestade de ideias, mediada com as seguintes questões: “Quem mais sofre com eventos climáticos extremos e com crimes ambientais? Todos sofrem igualmente?”. Promova um debate inicial com a turma, incentivando a participação e o levantamento de hipóteses a respeito das questões. Considere anotar as principais contribuições, a fim de que sejam revisitadas ao longo do processo.



Saiba mais

O que é racismo ambiental?

Racismo ambiental é um termo utilizado para se referir ao processo de discriminação que populações que vivem em áreas marginalizadas ou compostas de minorias étnicas sofrem por meio da degradação ambiental. A expressão denuncia que a distribuição dos impactos ambientais não se dá de forma igual entre a população, sendo a parcela marginalizada e historicamente invisibilizada a mais afetada pela poluição e a degradação ambiental. A história do termo está intrinsecamente ligada ao movimento dos direitos civis americanos, que ocorreram entre as décadas de 1950 e 1960. Atualmente, a falta de investimento em regiões sem saneamento básico, o despejo de resíduos nocivos à saúde em regiões de vulnerabilidade social, a grilagem e a exploração de terras pertencentes a povos locais são exemplos da manifestação do racismo ambiental (FUENTES, 2021, [n. p.]).



DESENVOLVIMENTO

3. Para iniciar, realize a leitura compartilhada de materiais de apoio previamente selecionados que discutam as noções de racismo ambiental, injustiça ambiental e justiça e injustiça climática. Divida os estudantes em três grupos e solicite que respondam a algumas questões, que podem ser adaptadas de acordo com os materiais de apoio escolhidos:

- **Grupo 1:** O que é racismo ambiental? Quando o termo foi criado, o que ele buscou explicar?
- **Grupo 2:** O que é justiça climática? Qual é o contexto da criação do termo?
- **Grupo 3:** O que é injustiça climática? Quais são os exemplos apresentados?

Em seguida, promova uma roda de conversa sobre as questões propostas. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a existência de contextos de desigualdade e injustiça social e ambiental envolvendo grupos étnicos vulneráveis, como as populações e os povos tradicionais da região amazônica.

Saiba mais

Como o racismo ambiental ocorre na Amazônia?

Indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outras populações tradicionais da Amazônia denunciam há décadas a violação de seus direitos no processo de implantação de grandes empreendimentos. Para esses povos, a degradação dos recursos naturais provocada por esses projetos leva a perdas territoriais, humanas e culturais, que se aproveitam da vulnerabilidade social a que esses grupos estão expostos, intensificando um processo denominado de racismo ambiental. Nesta entrevista, Nazaré Rebelo, doutora em ciências sociais com ênfase em antropologia e autora de uma tese sobre o tema, explica o que caracteriza essa problemática e que fatores intensificam sua ocorrência na região.

[...]

De que forma o racismo ambiental se manifesta na prática na realidade amazônica?



Temos notórios exemplos, como: Belo Monte, Tucuruí, a Transamazônica, a extração de bauxita em Oriximiná, garimpo ilegal, dentre outros, aqui no Pará. Irei me deter à extração de bauxita. Essa extração existe há cerca de quatro décadas, mas a mineração ocorre no interior de uma Unidade de Conservação, onde vivem comunidades quilombolas e ribeirinhas. De acordo com a Comissão Pró-Índio, a floresta está em disputa, haja vista que a exploração mineral em Oriximiná impulsiona a destruição de florestas que, até então, eram fonte de alimento e renda de diversas famílias quilombolas e ribeirinhas (QUEIROZ, 2022, [n. p.]).

4. A fim de aprofundar as habilidades referentes à análise de dados e estatísticas, apresente aos estudantes alguns dados relacionados à exclusão, à precariedade no acesso à saúde, à água potável canalizada e ao saneamento básico e à mortalidade por eventos extremos, de forma que possam estabelecer relações entre tais informações e o conceito de racismo ambiental. Para apoiar a mediação, considere consultar o box Saiba mais, a respeito dos mais vulneráveis.

Diálogos Amazônicos

Neste artigo, é possível acessar dados e informações de pesquisa a respeito de eventos extremos, como a cheia em Manaus no ano de 2022, que acentuam desigualdades estruturais: [Na Amazônia urbana, pessoas negras e indígenas serão principais vítimas de mudanças climáticas | Murilo Pajolla | Brasil de Fato](#)¹.

Historicamente, as comunidades quilombolas não estão entre as prioridades governamentais. A respeito dos desafios enfrentados por esses grupos na região amazônica durante a pandemia de covid-19, consulte o artigo [Caos na pandemia: quilombolas também ficarão de fora da vacinação prioritária | Cícero Pedrosa Neto | Amazônia Real](#).

Saiba mais

Os mais vulneráveis

A tragédia provocada pela covid-19 na Região Norte aumenta de tamanho quando o foco da análise se volta para os indígenas e as comunidades ribeirinhas. O inquérito sorológico EPICOVID-19 BR, da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), mostrou que, desde o início da pandemia, indígenas tinham 80% mais risco de serem infectados pelo SARS-CoV-2 em comparação com brancos que moram na mesma cidade.

Fora das cidades o impacto da doença também foi brutal. Um estudo publicado na revista *Frontiers in Psychiatry* por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) mostrou que as taxas de incidência e mortalidade na população indígena foram, respectivamente, 136% e 110% mais altas que a média nacional.

Em termos de mortalidade, entre os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) mais críticos estavam Alto Rio Solimões, Cuiabá, Xavante, Vilhena e Kaiapó do Pará. A análise dos dados revelou ainda uma relação direta entre a incidência de casos de covid-19 em indígenas e desmatamento, grilagem e mineração.

Em relação à vacinação, as taxas da população indígena – grupo prioritário no Programa Nacional de Imunizações – também estão abaixo da média da população em geral.

¹ Todos os links presentes neste material foram acessados em março de 2023.



Dados de agosto do Ministério da Saúde apontam que alguns DSEIs estão abaixo de 50% da cobertura vacinal completa. Os distritos mais críticos são: Kaiapó-PA (32,4%), rio Tapajós-PA (38%), Alto Rio Juruá-AC (39,7%), Kaiapó-MT (42%) e Araguaia-MT (49,7%).

“São áreas que passam por diversos conflitos territoriais, seja por garimpo ou agricultura. Isso tudo somado às fake news e às dificuldades logísticas fazem com que os números não tenham evoluído como o desejado”, relatou Luiz Penha [mestre em Saúde Pública, integrante do povo Tukano e da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB)] (ZIEGLER, 2021, [n. p.]).

5. Com base nas leituras e nas reflexões construídas até o momento, elabore com os estudantes uma nuvem de palavras correlatas aos assuntos e conceitos trabalhados até aqui. Conduza esse momento de forma que a turma estabeleça relações entre o conceito de racismo ambiental e situações de sua região. Garantir um repertório de temas e aspectos do entorno desses jovens potencializará a atividade da seção Sistematização.

SISTEMATIZAÇÃO

6. Tendo em vista as palavras e os temas destacados no exercício anterior, solicite aos estudantes que, em duplas, sistematizem as discussões realizadas na etapa por meio de uma expressão artística (poemas, cordel, batalha de rap e *slam*, músicas, esquetes teatrais ou outra com que os jovens se identifiquem). Incentive a criatividade e o engajamento da turma e, se possível, busque atuar de maneira integrada ao docente da área de Linguagens. Encoraje os estudantes a apresentarem suas produções à comunidade escolar como forma de ampliar o debate sobre o racismo ambiental.

Eixos estruturantes em ação

As habilidades dos eixos Processos criativos e Investigação científica são mobilizadas em diferentes momentos deste módulo, especialmente as EMIFCHSA06 e EMIFCHSA01. A pesquisa inicial, com o aprofundamento do conceito de racismo ambiental e a posterior criação de uma expressão artística que sistematize os conhecimentos, possibilita investigar e analisar a questão do racismo ambiental e expressar esses conhecimentos de forma criativa e engajada.

Avaliação em processo

Utilize a pesquisa, a análise de dados, o debate e a produção artística para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes de forma processual.



ETAPA 2: REPRESENTAÇÃO DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS E INDÍGENAS E AS LUTAS DAS JUVENTUDES

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6H

ACONTECE NA ETAPA

- Análise histórica das formas de representação dos povos tradicionais e indígenas.
- Levantamento de dados sobre as recentes mobilizações e os protagonismos desses indivíduos na luta por representação, pela conservação da floresta e pelos direitos humanos.
- Exercício de construção de coletivos de jovens (manifestos, pautas e agendas de atuação), tendo em vista a promoção dos direitos humanos e a busca por um modelo de desenvolvimento sustentável.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 6 horas

Esta situação de aprendizagem convida os estudantes a compreender e analisar a trajetória histórica das representações dos povos indígenas e tradicionais, problematizando o imaginário social construído por livros, propagandas, músicas, entre outros instrumentos, sobre os povos e as comunidades tradicionais e indígenas. Em atividades de leitura coletiva, pesquisa de fontes históricas e análise de materiais diversos sobre o tema, eles reconhecem as ações mobilizadas por jovens indígenas no enfrentamento às desigualdades e aos problemas políticos e sociais da Amazônia e se aproximam da realidade local. A perspectiva é que, ao fazer esse trajeto, a turma compreenda o caráter protagonista dos povos da floresta na luta por direitos e observe a importância da mobilização popular em torno das pautas políticas, sociais e econômicas nos dias de hoje.



PONTO DE PARTIDA

1. Inicie o percurso apresentando aos estudantes expectativas de aprendizagem, pactuando as estratégias avaliativas e contextualizando a etapa. A proposta é abordar as diferentes ações e os diversos papéis assumidos pelos povos indígenas e tradicionais nos últimos 30 anos na luta pela representação e legitimação da cultura nativa da Ama-



zônia. Para tanto, comece o debate levantando quais são os conhecimentos prévios da turma sobre lideranças indígenas e quilombolas e suas trajetórias na região. A sugestão é que você, docente, faça uma consulta prévia aos materiais [A Amazônia também é negra | Joana Oliveira | El País](#) e [Conheça quatro das principais lideranças indígenas da Amazônia | Portal Amazônia](#) para embasar o debate em sala de aula e nortear as discussões, com base nas perguntas disparadoras de reflexão:

- Quais lideranças amazônidas vocês conhecem?
- Como tomaram conhecimento dessa liderança?
- Vocês conhecem alguma ação dessas lideranças? Qual?

2. De forma geral, a região amazônica é associada ao ativismo dos indígenas ou das populações ribeirinhas. Entretanto, a Amazônia também é negra e quilombola. O objetivo deste momento é acessar os conhecimentos prévios dos estudantes a respeito da diversidade de representantes e lideranças nas distintas regiões amazônicas e problematizar noções simplistas sobre a região. Você também pode trabalhar com os estudantes algumas imagens que remetem aos quilombos da região amazônica. Para isso, sugerimos o projeto [Amazônia Negra | Marcela Bonfim](#). No artigo [Amazônidas, povo sem história? Breves reflexões pelo direito à amazonidade | Julyan Machado Ramos | Amazônia Latitude](#), é possível acessar uma cronologia das lutas amazônidas e um panorama da construção das identidades amazônidas ao longo do tempo. Considere anotar as principais contribuições dos estudantes, a fim de que sejam revisitadas ao longo do processo. Essas anotações podem compor um quadro interativo (físico ou digital), em que a turma mobilize a organização desses conhecimentos.

Diálogos Amazônicos

A Amazônia também é negra

O Brasil olha para a Amazônia, e já associa a região aos indígenas e às comunidades ribeirinhas. “Mas acaba esquecendo e invisibilizando a Amazônia negra. Não há narrativa sobre isso. Dos anos 1990 para cá, estamos brigando para levantar essa pauta”. Quem fala é Isis Tatiane da Silva, historiadora de 38 anos e uma das lideranças do quilombo Criaú, no Amapá. A maior floresta tropical do mundo abriga aproximadamente 150 das mais de 3.500 comunidades quilombolas do Brasil, de acordo com a Fundação Palmares, do extinto Ministério da Cultura.

[...]

Uma das estratégias adotadas pelos quilombolas para proteger seu território é criar uma espécie de “cerca viva” nos limites das comunidades. “Muita gente migrou para a cidade, em busca de melhores condições de vida, mas acabaram trabalhando na construção civil ou em trabalhos domésticos e agora está voltando. O que estamos fazendo é alocá-los nas imediações dos limites da terra, para serem os olhos vivos da nossa comunidade e, assim, manter o território sem invasões”, explica Tatiane (OLIVEIRA, 2019, [n. p.]).





DESENVOLVIMENTO

3. Organize uma aula dialogada a respeito das lutas amazônidas. Consulte as informações dos boxes Saiba mais a seguir e Diálogos amazônicos anterior e considere organizar a leitura dessas informações em duplas. Por meio da aprendizagem entre pares, peça às duplas que apresentem as principais informações a respeito dos últimos 30 anos dessas lutas. Na sequência, os estudantes devem realizar um levantamento de informações usando relatos orais, escritos ou fotográficos e, se tiverem acesso à internet, pesquisar vídeos e podcasts sobre lideranças e/ou coletivos amazônidas, a fim de que tenham a oportunidade de iniciar a sistematização de casos e lideranças através do tempo. Um encaminhamento importante acerca desse aspecto é refletir sobre a atual ampliação da representação do ponto de vista do gênero. Se inicialmente a luta era centrada em lideranças masculinas, nos últimos anos vêm ganhando destaque lideranças femininas e jovens. Para nortear a condução da pesquisa solicitada aos estudantes e a mediação desses debates, você pode consultar previamente os seguintes textos:

- [Mulheres da Amazônia: 5 lideranças que você precisa conhecer | Francisco Costa | Mídia Ninja.](#)
- [Jovens Vozes da Amazônia para o Planeta | ReLLAC-Jovens | Para o clima.](#)
- [Jovens lideranças indígenas em defesa da Amazônia | Txai Suruí e Bitaté Uru-eu-wau-wau | Le Monde Diplomatique Brasil.](#)

4. Em seguida, oriente os estudantes a compartilharem entre os grupos as informações que foram levantadas e destacadas nos textos trabalhados e faça a mediação das impressões da turma, escrevendo no quadro os principais resultados e temas. Essas informações podem complementar o quadro (físico ou digital) construído anteriormente. Incentive-os a trazer informações e conhecimentos prévios de forma a complementar os dados obtidos nos suportes didáticos. Conduza a sequência desse debate esclarecendo que os jovens, em grupos, devem simular a criação de coletivos que lutem em prol de temas sensíveis à região. Esse momento pode ser norteado pela questão: “Quais coletivos ou grupos de jovens que lutam pela Floresta Amazônica vocês conhecem?”.

5. Divida a turma em grupos e peça aos estudantes que simulem a criação de um coletivo de jovens em prol da defesa da Amazônia. O material [Jovens vozes da Amazônia para o planeta | ReLLAC-Jovens | Para o clima](#) pode auxiliar na curadoria e na elaboração desses coletivos. Nele, é possível que os estudantes entrem em contato com um exemplo de manifesto e diversos temas e tópicos reivindicados por jovens amazônidas. Solicite que a turma a) crie um nome para esse coletivo; b) defina seu escopo de atuação e; c) elabore uma carta-manifesto com as reivindicações (políticas, sociais, econômicas, culturais) desse coletivo. Essa simulação pode ser inspirada em algum coletivo ou liderança conhecidos do grupo. Exerça sua presença pedagógica e apoie-os nessa escolha e curadoria.



Saiba mais

Direitos quilombolas na Constituição

A proposta foi trazida aos debates da Assembleia Constituinte por entidades do movimento negro responsáveis também pela inclusão de dispositivo semelhante em algumas constituições estaduais, como as do Pará, Maranhão e Bahia. A proposta foi formalizada pelo então Deputado Carlos Alberto Caó (PDT-RJ) e apresentada sob a rubrica de Emenda Popular em 20 de agosto de 1987.

Enquanto os direitos dos índios à posse de suas terras foram garantidos em todas as Constituições brasileiras desde a de 1934, foi apenas na Constituição de 1988 que os quilombolas tiveram direitos reconhecidos. A inclusão deste preceito constitucional repara uma injustiça histórica cometida pela sociedade escravocrata brasileira contra o povo negro. Uma reparação que se concretiza através do reconhecimento dos direitos das comunidades de descendentes dos antigos escravos possibilitando-lhes, finalmente, o acesso à propriedade de suas terras.

As comunidades quilombolas tiveram também garantido o direito à manutenção de sua cultura própria através dos artigos 215 e 216 da Constituição. O primeiro dispositivo determina que o Estado proteja as manifestações culturais afro-brasileiras. Já o artigo 216 considera patrimônio cultural brasileiro, a ser promovido e protegido pelo Poder Público, os bens de natureza material e imaterial (nos quais incluem-se as formas de expressão, bem como os modos de criar, fazer e viver) dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, entre os quais estão, sem dúvida, as comunidades negras (COMISSÃO..., 2018, [n. p.]).

Eixos estruturantes em ação

As habilidades do eixo Processos criativos são mobilizadas em diferentes momentos deste módulo, especialmente a EMIFCHSA05. A simulação de um coletivo de jovens e a posterior escrita de carta-manifesto mobilizam essa habilidade, a fim de que os estudantes busquem a resolução de problemas relativos às juventudes e suas relações com as pautas políticas, sociais, econômicas ou culturais.



SISTEMATIZAÇÃO

- Os estudantes poderão apresentar as cartas-manifesto e seus coletivos para a comunidade escolar e, em conjunto com você, identificar a possibilidade e a viabilidade de abordar os trabalhos desenvolvidos para além da escola, como em associações de moradores, rádios e jornais locais, eventos regionais etc.

Saiba mais

Pesquisa recupera história do movimento indígena no Brasil

Segundo a tese [[Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos \(1970-2009\)](#) | Poliene Soares dos Santos Bicalho | UnB], o movimento começou com as assembleias indígenas em 1974, em que chefes e demais participantes atuaram como sujeitos conscientes do processo de dominação, mas sem se subjugarem. Esse movimento ganhou força com a presença dos índios no Congresso Nacional durante a Constituinte de 1988. Eles passaram a representar a si mesmos.



Os principais nomes dessa época são: Mário Juruna, Álvaro Tucano, Ângelo Kretã, Marçal de Souza, Raoni Mentuktire e Domingos Veríssimo Terena. Mário Juruna ficou famoso por andar em gabinetes da Fundação Nacional do Índio (Funai), lutando pela demarcação das terras indígenas, sempre com um gravador para registrar tudo o que os não-índios diziam. Ele queria provar que as autoridades, na maioria das vezes, não cumpriam com o que prometiam. Juruna foi eleito deputado federal em 1983, primeiro deputado índio no país.

[...]

A pesquisa aponta que o movimento sofreu uma divisão após as manifestações durante a festa de 500 anos de descobrimento do Brasil, quando índios entraram em confronto com o Exército. Depois desse episódio, as comunidades passaram a lutar por suas reivindicações específicas, e não mais como um movimento unificado.

Essa tendência começou a se reverter em 2002, quando as diversas organizações se reuniram na Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). Essa organização existe para discutir ideias, executar propostas, sugerir políticas públicas e realizar projetos alternativos de sobrevivência e produção econômica nas comunidades (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2011, [n. p.]).

Sobre a resistência indígena nos dias de hoje

Nós, povos indígenas, historicamente silenciados, denunciemos nas redes sociais com nossas câmeras e celulares a realidade dos territórios no Brasil. Por meio da juventude indígena, estamos recontando a verdadeira história do nosso país, valorizando nossa ancestralidade, denunciando a invasão, as queimadas, a mineração ilegal, o roubo de madeira, a destruição da floresta e mostrando toda nossa riqueza cultural decolonizando mentes. Ensinando o real significado de ser indígena. Compartilhando nossa sabedoria através do audiovisual e acabando com essa ideia de que indígena não pode ter celular.

Nos últimos anos, jovens indígenas de diversos povos elevaram suas vozes em defesa da floresta, unindo sua força com jovens de todo o mundo que se organizam na luta contra as mudanças climáticas (SURUI; URU-EU-WAU-WAU, 2022, [n. p.]).

Avaliação em processo

Para garantir a avaliação de forma processual, na seção Ponto de partida, as respostas às questões disparadoras, bem como a produção de um quadro coletivo com os conhecimentos que os estudantes têm de lideranças amazônicas, podem compor um primeiro olhar diagnóstico. O trabalho em grupo de pesquisa e a organização de informações, além da posterior simulação dos coletivos de jovens, também são fatores para a avaliação de diversas competências, como pensamento crítico e científico, colaboração e argumentação. Na escrita da carta-manifesto, você pode analisar o quanto os estudantes têm capacidade de síntese de seus argumentos, assim como avaliar a forma como mobilizam os conceitos e as habilidades da área para realizar essa atividade.



ETAPA 3: EXPERIÊNCIAS AMAZÔNIDAS

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 8H

ACONTECE NA ETAPA

- Reflexão e debate sobre os saberes dos povos tradicionais e indígenas diante dos desafios contemporâneos.
- Organização e produção de um podcast que apresente os coletivos jovens criados, bem como que contextualize as lutas por direitos humanos, conservação ambiental e desenvolvimento sustentável por parte dos povos tradicionais e indígenas.



SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

CARGA HORÁRIA MÉDIA SUGERIDA: 8 horas

Nesta etapa, os estudantes aprofundam o contato com os saberes ancestrais e atuais dos povos indígenas e tradicionais. A proposta é partir de uma discussão sobre esses saberes e suas potências, a fim de estabelecer relações com os desafios contemporâneos dos povos amazônidas: “De que forma esses saberes criam oportunidades de luta e novos horizontes para as lutas amazônidas? Quais benefícios o Brasil e o mundo terão ao ouvir os povos amazônidas? De que forma os povos amazônidas oferecem mecanismos para combater o racismo ambiental?”. Com base nessas problematizações, os estudantes entram em contato com as experiências das populações amazônidas, compreendendo e refletindo sobre a atualidade de suas tecnologias socioambientais. A proposta é que seja produzido um podcast apresentando o que foi desenvolvido nesta e nas outras etapas do módulo.



PONTO DE PARTIDA

1. O objetivo deste momento é fazer com que os estudantes ampliem o olhar sobre os saberes ancestrais e os desafios contemporâneos dos povos amazônidas. Solicite que a turma leia o texto [Ciência e saberes tradicionais por uma Amazônia soberana e sustentável | Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência \(SBPC\)](#) (ver no Material do estudante, referente a esta etapa). Essa leitura pode ser feita em duplas ou grupos, a fim de que os estudantes debatam entre si os principais pontos do texto antes de socializá-los. Organize uma roda de conversa a respeito das conclusões, com o objetivo de fazê-los refletir sobre as relações entre esses saberes e as lutas dos povos amazônidas em prol dos direitos humanos e da conservação da floresta. Recupere os debates das etapas anteriores e os aspectos abordados nas cartas-manifesto e nos coletivos criados.



2. O objetivo deste momento inicial é dar subsídios e ampliar os olhares dos estudantes, que devem produzir podcasts apresentando os coletivos criados na etapa anterior. Espera-se que a turma estabeleça relações entre as lutas contemporâneas com os saberes ancestrais amazônidas. Considere algumas questões norteadoras:

- De que forma esses saberes criam oportunidades de enfrentamento e novos horizontes para as lutas amazônidas?
- De que maneira os povos amazônidas oferecem mecanismos para combater o racismo ambiental?
- Quais benefícios o Brasil e o mundo terão ao ouvir os povos amazônidas?

Saiba mais

Ciência e saberes tradicionais por uma Amazônia soberana e sustentável

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) encaminhou, no dia 8 de agosto [2022], ao ministro do Meio Ambiente, Joaquim Álvaro Pereira Leite, a moção “Ciência e saberes tradicionais por uma Amazônia soberana e sustentável”. O documento foi aprovado por unanimidade pela Assembleia Geral Ordinária de Sócios da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em 28 de julho de 2022, na Universidade de Brasília (UnB), por ocasião da 74ª Reunião Anual da SBPC.

Também encaminhado ao ministro da CT&I, Paulo Alvim, e à Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), o texto ressalta o potencial da região Amazônica para ser um “território totalmente orientado pelo conhecimento científico e pela interação empática com saberes e práticas milenares de relação do ser humano com a natureza.”

Entretanto, na contramão de seu potencial de gerar riqueza e desenvolvimento sustentável, a Amazônia hoje é um modelo de inexistência de projeto nacional brasileiro e passa por um período da história de desregulamentação de políticas de proteção ambiental e de direitos dos povos originários, além de uma crise de institucionalidade na relação Estado e sociedade. É assim que a moção descreve o cenário de dismantelo atual.

[...]

A moção indica a instituição de um cenário favorável ao diálogo da ciência com as sociedades amazônicas como um novo caminho que precisa ser traçado. “A Amazônia é um campo privilegiado para o desenvolvimento científico em todas as áreas de conhecimento. E deveria ser priorizada como laboratório de inovação, de interdisciplinaridade e sustentabilidade. A região tem potencial para ser um território totalmente orientado pelo conhecimento científico e pela interação empática com saberes e práticas milenares de relação do ser humano com a natureza”, afirma o documento (SOCIEDADE..., 2022, [n. p.]).





DESENVOLVIMENTO

3. Proponha que a turma seja dividida em grupos. Cada um deles deve produzir um episódio de podcast, cujo tema será a apresentação e a contextualização do coletivo criado na etapa anterior. De maneira que os grupos desenvolvam o conteúdo dos roteiros, estimule-os a buscar temas correlatos e transversais aos coletivos e desafios apresentados na etapa anterior. No site jornalístico [Sumaúma](#) ou no portal da [Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas \(CONAQ\)](#), há bastante material para explorar temas correlatos aos povos indígenas ou quilombolas. O texto [Ribeirinhos da Amazônia: modo de vida e relação com a natureza | Cássio Rogério Graças dos Santos, Mayany Soares Salgado e Márcia Aparecida da Silva Pimentel | Uniara](#) também pode apoiar essa mediação por meio de relatos colhidos em comunidades ribeirinhas, em campo, pela equipe de pesquisa. A ideia é que cada grupo foque em um tema/grupo social e o desenvolva, de forma que gere um episódio do podcast que articule o impacto do racismo ambiental nos desafios contemporâneos e as lutas amazônicas. Se não for possível elaborar um podcast, os estudantes podem trabalhar com a captação de áudio simples (usando um celular ou outro equipamento de gravação de áudio), sem a necessidade de edição. No site da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Estado do Acre, há disponível uma [Oficina sobre Podcast | Escola Digital | SEE-Acre](#). A seguir, listamos alguns passos para criar um podcast:

- Definir o público (colegas da escola, comunidade do entorno).
- Escolher o tema, dar um nome e criar uma capa.
- Decidir o formato (gravar sozinho ou com convidados; fazer uma entrevista ou um debate; ser o narrador ou o mediador).
- Criar a pauta de gravação ou os tópicos.
- Editar o material e incluir a trilha sonora.
- Publicar e divulgar (na comunidade escolar ou nas redes sociais).

4. Para os episódios, sugerimos algo em torno de 6 a 10 minutos. Os estudantes podem decidir qual o melhor formato: entrevista, apresentação, conversa, debate, entre outros. É importante que haja uma padronização do material produzido pelos grupos. É interessante ter uma vinheta de abertura e de encerramento que sejam usadas por todos. Os episódios também devem seguir um padrão, com mais ou menos o mesmo tempo de duração e com o mesmo estilo de oratória, para que mantenham uma harmonia de um capítulo para o outro.

5. Os estudantes, divididos em grupos, devem produzir os episódios do podcast. Sugerimos que, antes de gravarem, eles elaborem um roteiro com o que vão falar no programa. Isso contribui para o planejamento e favorece a qualidade do produto final. A gravação pode ser feita com telefones celulares ou gravadores simples. Existem aplicativos específicos para gravar podcasts, que podem ser usados pelos estudantes.



De olho nas estratégias Podcasts

O Brasil é o segundo país que mais consome podcasts do mundo e, segundo o Ibope, cerca de 40% da população de internet do país já ouviu algum podcast. Esse número equivale a cerca de 50 milhões de brasileiros.

De acordo com a PodPesquisa 2019/2020, divulgada pela Associação Brasileira de Podcasters (abPod), o universo brasileiro de podcasts ainda é predominantemente masculino, 72% dos ouvintes são homens. A média de idade do ouvinte brasileiro é de 28 anos e os assuntos que mais interessam são cultura pop, humor e comédia, ciência, história e política. O interesse por podcasts sobre feminismo cresceu 8% desde 2018.

[...]

Basicamente, é um programa de rádio que pode ser ouvido pela internet a qualquer hora, por meio do celular ou do computador. Com temas e duração variadas, o ouvinte pode acessar conteúdos em áudio para se informar, para estudar ou para passar o tempo (COSTA, 2021, [n. p.]).

Também recomendamos que sejam apresentados alguns podcasts aos estudantes. Listamos, a seguir, algumas sugestões que tratam de temas da região amazônica que podem ser acessados em diversas plataformas:

- [Rádio Sumaúma | Sumaúma | Spotify.](#)
- [Ideias para adiar o fim do mundo - Com Ailton Krenak | Paraquedas XIX | Spotify.](#)
- [Eu Soul o Monte | Bhoim Mídias | Spotify.](#)
- [\[Episódio 01\] Alerta Vermelho | Podcast Tempo Quente | Rádio Novelo | YouTube.](#)
- [Amazônia Sem Lei #1 | Do tráfico ao prato | Agência Pública | YouTube.](#)
- [Mano Brown recebe Txai Suruí | Mano a Mano | Spotify.](#)
- [Amazônia Invisível | EP 01: Beka, a jovem guerreira Munduruku | Storytel, Estadão.](#)

Eixos estruturantes em ação

As habilidades dos eixos Processos criativos e Investigação científica são mobilizadas em diferentes momentos deste módulo, especialmente as EMIFCHSA06 e EMIFCHSA01. A pesquisa inicial, com base no texto da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e a posterior criação de um podcast mobilizam de forma integrada as habilidades de investigar e analisar situações-problema e, ao mesmo tempo, testam uma solução de divulgação científica por meio do podcast.

SISTEMATIZAÇÃO

6. O podcast pode ser disponibilizado para toda a escola e a comunidade ou ficar disponível em alguma plataforma digital. Sugerimos que os estudantes escutem todos os episódios e, ao final, organizem uma discussão sobre os temas abordados. Essa roda de conversa pode contribuir para organizar um evento de lançamento do podcast.



7. Uma vez que os episódios fiquem prontos, é interessante promover uma atividade de lançamento na escola, com debate entre os autores e a comunidade escolar.

Quer adaptar a proposta?

Caso não seja possível gravar os podcasts por limitações tecnológicas, considere realizar um seminário com base nos roteiros criados. Os estudantes podem simular entrevistas, rodas de conversa e debates ou, ainda, apresentar os tópicos e os temas organizados no roteiro.

Avaliação em processo

A avaliação se dará de forma processual. Na roda de conversa inicial, é possível acessar o que a turma construiu ao longo do módulo. Considere essa roda de conversa do Ponto de partida como um momento privilegiado de avaliação diagnóstica. A produção do podcast deve gerar engajamento e divisão de tarefas entre os integrantes: equipe de pesquisa, narradores/entrevistadores, redatores etc. Os roteiros podem ser compartilhados entre os grupos a fim de aprimorarem seus percursos. Considere as escolhas e os temas dos podcasts e sua relação com o conceito de racismo ambiental e a coerência com o coletivo criado. Para ampliação de conhecimentos e de repertório sobre práticas avaliativas, recomendamos a realização da Trilha de Aprendizagem do componente [O lugar da avaliação | Instituto Iungo, Instituto Reúna e Itaú Educação e Trabalho | Nosso Ensino Médio](#).



MATERIAL DO ESTUDANTE

ETAPA 3 - Situação de aprendizagem 1 - Atividade 1

CIÊNCIA E SABERES TRADICIONAIS POR UMA AMAZÔNIA SOBERANA E SUSTENTÁVEL

A Amazônia é o exemplo mais perverso da inexistência de um projeto nacional brasileiro. A região, que corresponde a 60% do território do País e engloba nove estados, sofre sistematicamente com a precarização das instituições e das políticas públicas e com práticas de violência sobre territórios, povos, e comunidades tradicionais. Uma violência contínua atinge a Amazônia pelas frentes predatórias de exploração dos recursos naturais, agressões aos biomas, ecossistemas, territórios indígenas, em ondas crescentes de desrespeito aos direitos constitucionais de grupos humanos e de proteção ambiental. [...] É importante reconhecer o trabalho secular dos povos tradicionais na proteção da floresta, e a dívida mundial que a humanidade tem pelo sequestro de carbono realizado pela Amazônia nos últimos séculos.

A Amazônia vive um período da história de desregulamentação de políticas de proteção ambiental e de direitos dos povos originários, além de uma crise de institucionalidade na relação Estado e sociedade. Direitos humanos e conquistas federativas duramente conquistados são desconsiderados e desrespeitados. [...]

É crescente a desativação da obrigação reguladora do Estado frente às ambições de destruição da natureza e das sociedades amazônicas, incluindo o abandono aos processos de nacionalização da região.

É preciso instituir um outro cenário que seja favorável ao diálogo da ciência com as sociedades amazônicas. A Amazônia é um campo privilegiado para o desenvolvimento científico em todas as áreas de conhecimento. E deveria ser priorizada como laboratório de inovação, de interdisciplinaridade e sustentabilidade. A região tem potencial para ser um território totalmente orientado pelo conhecimento científico e pela interação empática com saberes e práticas milenares de relação do ser humano com a natureza. Aquisições essenciais de cidadania, democracia, cooperação internacional e inovação podem ter surpreendentes resultados se experimentados por todos os esforços científicos nacionais na Amazônia brasileira e continental (Pan-Amazônia) e em todos os campos do conhecimento, a partir de focos de prioridades locais.

Uma territorialidade científica dialógica, orientadora e empática com os brasileiros da floresta, dos rios e das cidades, que devolva à sociedade o protagonismo de indicar as suas prioridades e ao Estado, o cumprimento de suas funções constitucionais, poderia ser a interação nacional mais audaciosa de um projeto nacional da Amazônia.



CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MÓDULO - POVOS AMAZÔNIDAS: TECNOLOGIAS AMBIENTAIS E DIFERENTES PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Fonte: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Ciência e saberes tradicionais por uma Amazônia soberana e sustentável. **Portal SBPC**, [s. /], 15 ago. 2022. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/ciencia-e-saberes-tradicionais-por-uma-amazonia-soberana-e-sustentavel/>. Acesso em: 17 mar. 2023.



REFERÊNCIAS

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)**. 2010. 464 f., il. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. Há 30 anos, a Constituição reconhecia os direitos quilombolas. **Portal CPISP**, [São Paulo], 5 out. 2018. Disponível em: <https://cpisp.org.br/ha-30-anos-constituicao-reconhecia-os-direitos-quilombolas/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

COSTA, Larissa. O que é um podcast? Para que serve? Conheça algumas sugestões de programas. **Portal Brasil de Fato**, Belo Horizonte, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2021/02/10/o-que-e-um-podcast-para-que-serve-conheca-algumas-sugestoes-de-programas>. Acesso em: 8 mar. 2023.

FUENTES, Patrick. Racismo ambiental é uma realidade que atinge populações vulnerabilizadas. **Jornal da USP**, [São Paulo], 9 dez. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-ambiental-e-uma-realidade-que-atinge-populacoes-vulnerabilizadas/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

OLIVEIRA, Joana. A Amazônia também é negra. **El País Brasil**, Terra do Meio, Amazônia, 20 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/19/politica/1574164761_425337.html. Acesso em: 8 mar. 2023.

PIRES, Thula R.; GUIMARÃES, Virginia T. Injustiça ambiental e racismo ambiental: a marca da estratificação sócio-racial nas zonas de sacrifício do Estado do Rio de Janeiro. **Yale Law School**. Projeto de Pesquisa. 2014-2016. Disponível em: https://www.law.yale.edu/sites/default/files/area/center/kamel/sela16_pires_cv_port.pdf. Acesso em: 25 mar. 2023.

QUEIROZ, Fabrício. Grandes projetos favorecem o racismo ambiental na Amazônia. **O Liberal**, [s. l.], 13 ago. 2022. Disponível em: <https://www.oliberal.com/economia/grandes-projetos-favorecem-racismo-ambiental-na-amazonia-1.573960>. Acesso em: 8 mar. 2023.

RELLAC-J. **Manifesto jovens vozes da Amazônia para o planeta**. [S. l.]: ReLLAC-J; WWF, 2021. Disponível em: <https://paraoclima.org.br/img/boletim/nov/manifesto-JVAP-PT.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2023.



SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. **Ciência e saberes tradicionais por uma Amazônia soberana e sustentável**. Brasília: Sócios da SBPC, 2022a. Disponível em: <http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Of.-SBPC-141-ao-MMA-Mo%C3%A7%C3%A3o-por-uma-Amaz%C3%B4nia-soberana-e-sustent%C3%A1vel.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Ciência e saberes tradicionais por uma Amazônia soberana e sustentável. **Portal SBPC**, [s. /], 15 ago. 2022b. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/ciencia-e-saberes-tradicionais-por-uma-amazonia-soberana-e-sustentavel/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

SURUI, Txai; URU-EU-WAU-WAU, Bitaté. Jovens lideranças indígenas em defesa da Amazônia. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Brasil, 5 set. 2022. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/jovens-liderancas-indigenas-em-defesa-da-amazonia/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Pesquisa recupera história do movimento indígena no Brasil. **UnB Ciência**, [Brasília], 5 abr. 2011. Disponível em: <https://unbciencia.unb.br/humanidades/94-historia/280-pesquisa-recupera-historia-do-movimento-indigena-no-brasil>. Acesso em: 8 mar. 2023.

ZIEGLER, Maria Fernanda. Saúde precária e postura anti-indígena exacerbaram mortes por covid-19 na Amazônia, avaliam cientistas. **Agência Fapesp**, São Paulo, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2021/08/20/saude-precaria-e-postura-anti-indigena-exacerbaram-mortes-por-covid-19-na-amazonia-avaliam-cientistas/>. Acesso em: 8 mar. 2023.





itinerariosamazonicos.org.br

